

## FMI

(1982)

di José Mário Branco

Periodo: Dal riflusso alla fine della guerra fredda (1980 - 1989)

Lingua: portoghese

Indirizzo: <https://www.ildeposito.org/canti/fmi>

e a Vera Lagoa, deixem-me só porra, rua,  
larguem-me, zórpila o fígado, arreda,  
'terneio'  
Satanás, filhos da puta. Eu quero morrer  
sozinho  
ouviram? Eu quero morrer, eu quero que se  
foda o FMI,  
eu quero lá saber do FMI, eu quero que o FMI  
se  
foda, eu quero lá saber que o FMI me foda a  
mim, eu vou mas é votar no Pinheiro de  
Azevedo  
se eu tornar a ir para o hospital, pronto,  
bardamerda o FMI, o FMI é só um pretexto  
vosso  
seus cabrões, o FMI não existe, o FMI nunca  
aterrou  
na Portela coisa nenhuma, o FMI é uma finta  
vossa  
para virem para aqui com esse paleio, rua,  
desandem daqui para fora, a culpa é vossa, a  
culpa é vossa, a culpa é vossa, a culpa é  
vossa,  
a culpa é vossa, a culpa é vossa, oh mãe,  
oh mãe, oh mãe, oh mãe, oh mãe, oh  
mãe...

Mãe, eu quero ficar sozinho...

Mãe, não quero pensar mais...

Mãe, eu quero morrer mãe.

Eu quero desnascer, ir-me embora, sem ter que  
me ir embora. Mãe, por favor, tudo menos a  
casa em vez de mim, outro maldito que não  
sou senão este tempo que decorre entre  
fugir de me encontrar e de me encontrar  
fugindo, de quê mãe? Diz, são coisas que  
se me perguntem? Não pode haver razão para  
tanto sofrimento. E se inventássemos  
o mar de volta, e se inventássemos partir,  
para regressar. Partir e aí nessa viagem  
ressuscitar da morte às arreguas que me  
deste.

Partida para ganhar, partida de acordar,  
abrir os olhos, numa ânsia colectiva de  
tudo fecundar, terra, mar, mãe...

Lembrar como o mar nos ensinava a sonhar  
alto,

lembrar nota a nota o canto das sereias,  
lembrar o depois do adeus, e o frágil e  
ingénuo cravo da Rua do Arsenal, lembrar  
cada lágrima, cada abraço, cada morte, cada

traição,  
partir aqui com a ciência toda do passado,  
partir, aqui, para ficar...

Assim mesmo, como entrevi um dia,  
a chorar de alegria,  
de esperança precoce e intranquila, o azul  
dos operários da Lisnave a desfilar,  
gritando ódio apenas ao vazio, exército  
de amor e capacetes, assim mesmo na Praça  
de Londres o soldado lhes falou:  
Olá camaradas, somos trabalhadores,  
eles não conseguiram fazer-nos esquecer,  
aqui está a minha arma para vos servir.  
Assim mesmo, por detrás das colinas onde  
o verde está à espera se levantam  
antiquíssimos  
rumores, as festas e os suores, os bombos  
de lava-colhos, assim mesmo senti um dia,  
a chorar de alegria, de esperança  
precoce e intranquila, o bater inexorável  
dos corações produtores, os tambores.  
De quem é o carvalhal? É nosso! Assim te  
quero cantar, mar antigo a que regresso.  
Neste cais está arrimado o barco sonho em que  
voltei.

Neste cais eu encontrei a margem do outro  
lado, Grandola Vila Morena. Diz lá, valeu  
a pena a travessia? Valeu pois.

Pela vaga de fundo se sumiu o futuro  
histórico da minha classe, no fundo deste  
mar,  
encontrareis tesouros recuperados, de mim que  
estou a chegar do lado de lá para ir  
convosco.

Tesouros infindáveis que vos trago de longe  
e que são vossos, o meu canto e a palavra,  
o meu sonho é a luz que vem do fim do mundo,  
dos vossos antepassados que ainda não  
nasceram.

A minha arte é estar aqui convosco e  
ser-vos alimento e companhia na viagem para  
estar aqui de vez. Sou português, pequeno  
burguês de origem, filho de professores  
primários, artista de variedades, compositor  
popular, aprendiz de feiticeiro, faltam-me  
dentes.

Sou o Zé Mário Branco, 37 anos, do Porto,  
muito mais vivo que morto, contai com isto  
de mim para cantar e para o resto.

## **Informazioni**

José Mário Branco album: Ser Solidário famosissima canzone di protesta portoghese che parla del fondo monetario internazionale